



REVISTA INTERDISCIPLINAR ENCONTRO DAS CIÊNCIAS  
V.3, N.1. 2020

## ACONSELHAMENTO E A PRÁTICA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO: COMPETÊNCIAS E FORMAÇÃO DOS TERAPEUTAS

ADVICE AND THE PRACTICE OF THE PSYCHOLOGICAL PLANT: COMPETENCES AND  
TRAINING OF THERAPISTS

Franceildo Jorge Félix<sup>1</sup> | Leda Mendes Pinheiro Gimbo<sup>2</sup> | Júlio Séza Lopes Viana<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho pretende mostrar como se pode compreender o processo de Aconselhamento Psicológico e sua operacionalização na modalidade de Plantão Psicológico, bem como a contribuição dessa prática para a vida profissional do Psicólogo. A partir dessa ideia investigativa foi possível também definir e conceituar Aconselhamento Psicológico e sua atuação, ainda identificar as contribuições das práticas de Aconselhamento Psicológico e Plantão Psicológico para a formação dos psicólogos. Desse modo, o interesse pela temática surge a partir de uma inquietação durante o curso de Psicologia na qual foi motivado a desenvolver um estudo relacionado sobre este assunto. Para tanto, a metodologia adotada consiste em uma pesquisa bibliográfica de caráter narrativo, descritivo e exploratório com abordagem qualitativa que auxiliaram na estruturação deste estudo. Os resultados apontam que o sigilo e a ética são ferramentas fundamentais na área de Psicologia, e o quanto a modalidade de Plantão Psicológico é essencial para a formação do Psicólogo. Neste sentido, espera-se que esse trabalho venha contribuir para os profissionais que atuam no Plantão Psicológico como também para os estudantes de Psicologia, e assim, consigam enriquecer suas práticas diante da atuação do Psicólogo frente ao Aconselhamento Psicológico.

### PALAVRAS-CHAVE

Aconselhamento. Formação. Plantão Psicológico.

### ABSTRACT

The present work intends to show how one can understand the process of Psychological Counseling and its operationalization in the modality of Psychological Plan, as well as the contribution of this practice to the professional life of the Psychologist. From this investigative idea it was also possible to define and conceptualize Psychological Counseling and its performance, yet to identify the contributions of the practices of Psychological Counseling and Psychological Counseling to the formation of psychologists. Thus, interest in the subject arises from a restlessness during the course of Psychology in which was motivated to develop a related study on this subject. Therefore, the adopted methodology consists of a bibliographic research of narrative, descriptive and exploratory character with a qualitative approach that helped in the structuring of this study. The results indicate that secrecy and ethics are fundamental tools in the area of Psychology, and how much the modality of Psychological Work is essential for the formation of the Psychologist. In this sense, it is expected that this work will contribute to the professionals who work in the Psychological Plan as well as to the students of Psychology, and thus, be able to enrich their practices, in a confident reflection for the usefulness of development and growth of exploration that collaborate with this exercise and the need for those who seek help.

### KEYWORDS

Counseling. Training. Psychological.

## INTRODUÇÃO

O Aconselhamento Psicológico é uma ferramenta que se dá na modalidade de Plantão Psicológico, um atendimento que se baseia na compreensão, acolhimento e reflexões, uma forma de ajudar a pessoa que se encontra em sofrimento existencial a buscar estratégias para ter uma melhor qualidade de vida e saber lidar com as problemáticas do dia-a-dia (REBOUÇAS; DUTRA, 2010).

O Aconselhamento é caracterizado por capacitar o cliente para dominar as situações de conflitos internos emergências, fazendo com que este se engaje em tomar decisões eficazes tendo a capacidade de fazer suas escolhas e se responsabilizar, sendo empático dentre outras características que proporcione uma identificação com o aconselhando. Essa prática pode ser aprendida de forma orientada pelo Psicólogo, uma vez que ele estuda para melhor compreender o comportamento humano.

O Aconselhamento Psicológico é uma disciplina ministrada nos cursos de psicologia que auxilia os estudantes na sua prática e formação na qual sua execução é regulamentada no Brasil, sendo assim, utilizada de maneira eficaz aproximando os acadêmicos da atuação clínica (SCORSOLINI-COMIN, 2014).

Neste sentido, para que haja positividade na prática do Aconselhamento Psicológico é necessária primeiramente, a empatia para com o outro. Isso porque o processo de Aconselhamento Psicológico significa o entendimento entre terapeuta e o paciente necessitado de ser escutado e orientado para um caminho de possibilidade e visão de futuro sem trazer sofrimento psíquico. Desse modo, o Aconselhamento Psicológico deve ser feito pelo o psicólogo, a fim de estabelecer uma relação de confiança até porque trata-se da resolução de problemas de quem precisa de Aconselhamento (FORGHIERI, 2007).

O objetivo deste estudo é compreender o processo de Aconselhamento Psicológico e sua operacionalização na modalidade de Plantão Psicológico no exercício do Psicólogo e outras particularidades do comportamento humano. Dessa maneira, o interesse pela temática surge a partir de uma inquietação durante o curso de Psicologia na qual foi motivado a desenvolver um estudo relacionado sobre este assunto.

Na prática do Aconselhamento na modalidade de Plantão Psicológico pôde-se entender várias razões do comportamento humano, dentre eles, a reciprocidade de uns e de outros não. Cada pessoa apresenta sua empatia pelo outro, dependendo de como é acolhido, aconselhada pela a outra (GOMES, 2008).

Para tanto, na revisão de literatura o leitor irá se deparar inicialmente com a História e prática do Aconselhamento Psicológico, mostrando que a prática da escuta é fundamental para a compreensão e a resolução dos problemas dessas pessoas. O segundo ponto a ser tratado no estudo

são as competências do aconselhador a partir da concepção de Rollo May, enfatizando as características que competem à personalidade do aconselhador. Enquanto que no terceiro buscou-se compreender a ferramenta ou prática do Plantão Psicológico no processo de Aconselhamento Psicológico ofertado no serviço de psicologia.

Assim, esse estudo possui a relevância de compreender a história do Aconselhamento Psicológico na modalidade de Plantão Psicológico e a importância dela para a formação do acadêmico de Psicologia. Desse modo, este trabalho busca contribuir para complementar a literatura referente a essa temática e auxiliar os estudantes quanto à área de atuação.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

Os seres humanos, desde os primórdios, já presumiam a ação terapêutica de uma pessoa sobre a outra, ou seja, percebiam como a relação, o diálogo e o vínculo eram potentes para o desenvolvimento e para viver melhor. Mesmo muito antes de a Psicologia existir enquanto ciência, as práticas primitivas de diálogo já existiam. Nesse tempo os homens não sabiam diferenciar a doença física da psicológica, mas acreditavam ser curativo para qualquer mórbido a relação deste com um sujeito considerado saudável (FORGHIERI, 2016). Portanto, o homem primitivo já amparava os seus semelhantes sem ao menos ter noção do que estava fazendo.

A autora acrescenta que nas práticas primitivas de tratamento das doenças havia uma multiplicidade na qual atualmente a chamamos de terapia. O feiticeiro conseguia persuadir a mente do paciente com a finalidade de afastar os demônios. Esse método efetuava uma melhora, pois as crenças produziam esse efeito. Desse modo, toda essa concepção de cura era algo muito forte nessa época.

Segundo ela a civilização grega, a partir do Século VII a.C., assomou grandes contribuições teóricas, que frisou o início da filosofia e da ciência produzindo um modelo para a civilização ocidental. A partir disso, a enfermidade e a terapia deixaram de ser vista como algo sobrenatural transpassando para a natural e científica. Dessa maneira, o processo psicológico foi ganhando forma de acordo com os avanços dos estudiosos desse tempo.

Na antiguidade, na qual os seres humanos começaram a existir, e se relacionar, eles já se ajudavam. Portanto o Aconselhamento desde então perdurava e continua assumindo atualmente um caráter de auxílio para as pessoas que dela necessitam. Assim, à medida que os anos passam os recursos se tornam cada vez mais rápido (FORGHIERI, 2007). Ao que parece, essa modalidade já se perpetuava no início da vida, através do sujeito e suas relações.

A autora também enunciou que após Empédocles, vários filósofos sendo eles Platão e Aristóteles e outros médicos, a partir de Hipócrates já existiam diálogo com o doente. A forma da

conversa divergia conforme os sintomas do enfermo e a disposição do filósofo ou do médico diante da doença. Desse modo, pode-se perceber que naquele tempo havia uma grande carência por parte do debilitado em ser ouvido.

Na Idade Média conforme o estudo da autora já havia grandes práxis do saber, que se estabeleceu nos elementos estruturais do mundo moderno. Neste período existiam dois parâmetros: um referente ao método dedutivo e o outro indutivo que foram incluídos nos estudos de Galileu. Apresentando um raciocínio analítico e matemático utilizado por Descartes, Hobbies e Spinoza e também enfatizando o empírico usado por Francis Bacon e John Locke. Assim, pode-se dizer que esse método surge como uma forma de contribuir para o tratamento e qualidade de vida do paciente que se encontrava em sofrimento.

Conforme Forghieri (2007) afirma que em decorrência das duas grandes guerras mundiais que ocorreram durante o século XX, as pessoas começaram a apresentar problemas psicológicos aos profissionais que ali os acompanhavam, tal como: psiquiatras, enfermeiras e orientadores educacionais, que se dispusera a prestar uma escuta durante os seus serviços específicos. Assim, o Aconselhamento Terapêutico começou a repercutir, dando forma nos hospitais, nas escolas, nas instituições de orientação, treinamento profissional, de serviço social e de higiene mental. Somente a partir da década de 1950 que o Aconselhamento Psicológico passou a ser considerado pelo corpo científico como efetivo, uma forma de ajudar ao outro, porém, seu método de trabalho difere da psicoterapia. Desse modo, é notório que situações na qual exijam demais do sujeito podem muitas das vezes ocasionar ou desencadear um problema psicológico. Uma escuta qualificada propõe ao mesmo um alívio de todo o sofrimento que o cerca, fazendo com que ele procure e obtenha uma paz interior.

O Aconselhamento surgiu a partir de uma preocupação para ajudar ao indivíduo na tomada de suas próprias decisões. Segundo Patterson e Eisenberg (2003) o aconselhamento teve origem a partir dos estudos de Frank Parsons (1909) que ao ver o sofrimento das pessoas jovens em escolher uma profissão satisfatória, percebeu a necessidade de uma escuta, pois o mercado de trabalho naquela época era diverso resultante da Revolução Industrial.

Em vista disso, percebe-se que no Século XX havia uma grande necessidade de escuta, e, portanto, foram realizados estudos visando no bem-estar e uma melhora na qualidade de vida, para que aquelas pessoas pudessem lidar melhor com questões na qual não sabiam resolver sozinhas.

A técnica psicológica do aconselhamento, fundada pela escola humanista, foi referência na Organização Mundial de Saúde (OMS) e dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças. Contraposto ao que se refere à mudança comportamental, tal concepção reproduz um caráter relativo à prática, ocasionando um turbilhão de sentimentos por parte do paciente tendo a menor participação por parte do profissional (MORA; MONTEIRO; MOREIRA, 2015). Nota-se o quanto é importante

o Aconselhamento Psicológico nas Instituições de saúde, sendo assim, é necessário que o psicólogo possa dar toda a assistência na promoção e prevenção mostrando possibilidades ao sujeito de adquirir uma vida mais saudável. Também é essencial que o consulente seja ativo no seu próprio processo, para que aja uma evolução subjetiva.

Forghieri (2016) alega que o Aconselhamento Psicológico no Brasil surgiu no Estado de São Paulo amplificando mais tarde para as outras partes do país. A Madre Cristina foi quem fundou essa modalidade no início de 1950 na clínica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto Sedes Sapientiae. A religiosa iniciou com muito esforço o atendimento a pessoas que não podiam pagar. A procura era feita pelos membros da comunidade, e logo após, passaram a vir pessoas de bairro distantes e de outros lugares em busca do espaço de acolhimento. O atendimento era realizado de modo rápido, composto por uma ou duas sessões, intermediário ao problema trazido por elas. É importante salientar que o início do trabalho com Aconselhamento no Brasil mantinha caráter religioso, muito ligado ao caráter caritativo ou ao ideal religioso de promover espaços de fala e acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade e sofrimento.

Dessa forma, o Aconselhamento surge no Brasil com o caráter de urgência, em atender uma pessoa em sofrimento psíquico, obtendo assim, resultados tão eficientes quanto à psicoterapia. O atendimento pode acontecer uma única vez, em concordância com a precisão do homem. Devido à grande necessidade dos sujeitos em trabalhar as suas questões, essa modalidade foi se desenvolvendo e configurando no campo que futuramente seria da Psicologia.

Pesquisas realizadas por Scorsolini-Comin (2014) apontam que com o passar do tempo o Aconselhamento passou a ser utilizados em diversos contextos e com objetivos distintos, nos quais o cliente buscava ajuda para amenizar suas angústias, explicações para o próprio desenvolvimento pessoal frente às problemáticas tais como: o educacional, o profissional e o emocional, que surgem no decorrer do processo psicoterápico. Desse modo, o Aconselhamento já era utilizado com a função de trabalhar o sofrimento emergente que se dá no aqui e agora em diversos contextos da vida das pessoas.

O Aconselhamento é um método participativo, definido por uma relação conselheiro-cliente, mostrando ao mesmo, possibilidades para que resolva as suas próprias questões, seja nos aspectos do comportamento, nos constructos pessoais (a forma como percebe o meio e a si) e as aflições emocionais referentes a essas percepções. Assim, o sujeito vai evoluindo gradativamente aprendendo a lidar com as situações estressoras adversas do ambiente que a afeta diretamente, enfrentando os obstáculos com sabedoria e habilidade (PATTERSON; EISENBERG, 2003). Portanto, para que o processo tenha eficácia, é importante que o consulente possa ter confiança no terapeuta para falar abertamente, se permitindo, e aos poucos, aprendendo a enfrentar os seus problemas, sozinho.

A teoria é fundamental para que o conselheiro possa se embasar em uma fundamentação teórica que o ajude avaliar e refletir regularmente no que se pretende fazer. Em vista disso, é necessário que o profissional comece a falar teoricamente com prioridade os princípios aprendidos relacionando eles a prática (SCHEEFFER, 1978). Contudo, o psicólogo deve ter domínio aos estudos ao que se refere a sua área de atuação, para então, se nortear e assim, ajudar ao outro na sua problemática.

Ressalta-se que a Psicoterapia e o Aconselhamento Psicológico são vertentes diferentes. Enquanto que para a Psicoterapia é demandada mais tempo tendo como foco os conflitos da personalidade, no Aconselhamento busca focalizar na situação emergencial, ou seja, nos bloqueios que prejudica no crescimento pessoal. Portanto, a Psicoterapia permite ao sujeito ter uma autocompreensão de si para que então ele possa se responsabilizar pelas suas escolhas.

A psicoterapia é um método de tratamento relacionado aos conhecimentos da Psicologia que se interliga com a psicopatologia, também conhecida como Psicologia Clínica. Cumpre uma função de psicoeducação, oferecendo assim um espaço de aprendizado podendo ser utilizados instrumentos e técnicas de conhecimentos que possam favorecer na condução e orientação da vida do outro (SCORSOLINI-COMIN, 2014). Desse modo, a psicoterapia é uma modalidade da Psicologia que favorece ao indivíduo um espaço de acolhimento duradouro, onde permite que o mesmo encontre formas de enfrentamento para lidar melhor com os seus conflitos internos.

O teórico e psicólogo americano Carl Rogers foi quem trouxe grandes contribuições para que isso se realizasse, tendo uma publicação de sua autoria, cujo nome do livro é *Counseling and Psychotherapy*, que foi publicado em 1942. Posteriormente se expandiu no campo do aconselhamento tornando-se próxima da Psicologia Clínica e da psicoterapia. Para ele existia homogeneidade e desigualdade entre esses ramos, apesar de que não fosse compromisso fácil determinar os objetivos de cada uma dessas práticas, pois as duas se posicionavam a serviço de pessoas em sofrimento psíquico. A Psicologia buscava explicações a respeito de seus campos de atuação, especificamente nos anos seguintes a publicação do autor. Até então, os campos apresentam impactar, aglutinar e acrescentar em diversas questões do processo de ajuda (SCORSOLINI-COMIN, 2014).

Portanto, Rogers foi um dos precursores a desenvolver essa categoria na área da Psicologia, nomeando e a definindo em seus estudos, sendo um teórico de grande renome naquela época. A partir disso, o Aconselhamento passou a ser sugerido para as outras áreas de atuação da Psicologia que são: a rogeriana, a comportamental e a fenomenológica.

Ele nasce em 8 de janeiro de 1902 na cidade de Oak Park, estado do Illinois próximo de Chicago –EUA. Era filho de uma prole de quatro irmãos e uma irmã, sendo o antepenúltimo. Pertencia a uma família muito conservadora educada na doutrina e nos princípios religiosos, seguindo um padrão tradicional. Em 1924 concluiu a faculdade do curso de história e posteriormente se casou

tendo dois filhos. Logo após, matriculou-se no Seminário da União Teológica em Nova York, e percebeu que não tinha vocação para o ministério pastoral, portanto, no segundo ano do curso transferiu para Teachers College da Universidade de Colômbia tendo como finalidade cursar a Psicologia Clínica e Psicopedagogia. No ano de 1928, doutorou-se na mesma universidade, cuja sua tese foi desenvolver um teste de personalidade voltado para crianças, que atualmente ainda são utilizados. Trabalhou como psicólogo no Centro de Observação e Orientação Infantil da Sociedade para a Prevenção da Perversidade sobre as crianças, em Rochester. Somente em 1935 que foi reconhecido como psicólogo e docente pelo departamento de sociologia e psicopedagogia (HIPÓLITO, 1999).

Pode-se perceber que o teórico passou um tempo para ser reconhecido no mundo científico. Meramente depois, foi um psicólogo influente na sua época, trazendo várias contribuições para o campo da Psicologia. Rogers acreditava na potencialidade e capacidade do homem evoluir a partir da ressignificação de suas escolhas. Para ele a base do processo está na empatia, e é necessário que o cliente seja congruente no seu processo.

Rogers em seus estudos percebeu que havia uma falha na comunicação entre terapeuta e cliente, por isso se propôs a compreender melhor esse movimento. A partir disso, pôde entender as emoções que o paciente trazia ao invés do problema. No decorrer dos anos a teoria rogeriana passou por transformações, estabelecendo assim papéis na qual corresponde a figura do terapeuta-cliente. Desse modo, a comunicação foi ganhando forma passando a centrar-se na relação que é estabelecida durante o processo terapêutico (MIRANDA; FREIRE, 2012). Em vista disso, a comunicação centrada na pessoa é um dos focos na abordagem rogeriana, conhecida como Abordagem Centrada na Pessoa – ACP, pois o teórico acredita que a relação empática é o primeiro passo para entender o sofrimento do outro.

Este ponto será descrito, a partir da concepção de Rollo May (2013), enfatizando a arte do Aconselhamento Psicológico as características que competem à personalidade do aconselhador. Uma análise típica que encoraja a imperfeição que às vezes acomete o conselheiro.

Para o autor um bom aconselhador é caracterizado pela sua simpatia, tendo a capacidade de estar para o outro, sendo empático, dentre outras características que proporcione uma identificação com o aconselhando. Nem todo terapeuta tem essas qualidades, mais elas podem ser aprendidas. No entanto é necessário que o profissional seja bem resolvido, se dispondo a orientar outras pessoas. Dessa forma, o terapeuta deve ser esclarecido com as suas questões, para que os seus problemas não interfiram no processo dos seus pacientes.

De acordo com a sua percepção, a empatia é a chave para o processo de Aconselhamento. Uma reciprocidade que há entre aconselhando e aconselhador. Sem essa identificação não é possível qualquer entendimento. A empatia não é algo fácil de obter, porém, é algo que parte da conversação

e a partir disso estabelecer uma relação de confiança. Desse modo, é fundamental que o Aconselhador passe confiança, compreendendo o outro nas suas especificidades. Porque no momento que se estabeleça uma relação bilateral, o processo começa a fluir, tornando efetivo.

Segundo o autor, os Aconselhadores típicos resistem bem às obrigações. São meticolosas as minúcias ao que correspondem os assuntos sociais bem como vocacional. Sua franqueza é tão precisa que afluem aborrecimentos ao sujeito que os cercam. Distinguimos neles um grande empenho para não falhar. O medo de errar, mesmo que seja normal quando relativo a questões importantes, se torna exorbitante e adjunto a valores de menor importância. Ao que parece, a postura cuidadosa que remete a esses profissionais não permite equivocarse sobre o que se propõe a fazer frente ao cliente.

O teórico afirma que a coragem da imperfeição expressa à transição de empenhos para um campo de maior discussão, na qual exercem afazeres importantes, no lugar em que o fracasso ou o sucesso significam comparativamente casuais. Desse modo, é essencial que o Aconselhador possa aprender com os seus erros, e não deixar que suas falhas possam interferir no processo terapêutico. Rollo May (2013) apresenta quatro pontos fundamentais que remete a postura do Aconselhador. O primeiro refere-se à compreensão de si, sob a ótica da própria estrutura neurótica que abrange a sua personalidade. Essa clareza própria fará com que o mesmo esclareça muitas questões existentes, preservando as demandas do outro. A segunda, a elaboração da coragem da imperfeição, como dito no parágrafo anterior, cometido à possibilidade de errar. O sujeito que apresenta uma neurose compulsiva não está propenso a falhar e assim luta a todo custo contra a incorreção. A terceira, o conselheiro deve sentir prazer em viver, como também nas suas metas. Pois essa experiência desobstruía a necessidade de justificativas posteriores para as suas atitudes, desempenhando algo em circunstância de algum propósito que não se integra no seu projeto de vida. No quarto e último, o mentor deve estar empenhado nas pessoas por causa delas mesmas. E não por atribuí-lhe algo que tenham semelhantes.

Dessa forma, é importante que o Aconselhador se permita ao autoconhecimento compreendendo o seu processo singular que o acomete. É essencial que ele entenda que todos os seres são falhos e que estão propensos a errar, mais que de toda situação pode-se tirar um aprendizado, se aprimorando e desenvolvendo novas estratégias para que tenha êxito em tudo que se pretende fazer.

Conforme o autor, o erro de muitos Conselheiros inexperientes é pretender seguir um caminho da moral se implicando com questões que só cabe ao outro. Desse modo, diligenciam, muitas vezes sem se perceberem concomitantemente um comportamento moralista. Sabendo eles, que isso pode interferir no processo do cliente. Portanto, é necessário que o Aconselhador durante o atendimento guarde para si todos os seus preconceitos, princípios e esteja para o consulente. Embora, que as questões dele vão contra tudo o que acredita esse não é o momento de expor uma conduta moralizadora.

Outro ponto que o teórico aborda são os impulsos construtivos caracterizados pela espontaneidade, integridade e originalidade do Aconselhador. A primeira é o traço mais visível da pessoa que aprendeu a se expressar. É considerada uma qualidade na qual indica a esfera mais imensa da personalidade. Um sujeito que fica em guerra consigo mesmo pode-se dizer que ele não consegue adquirir a autenticidade, pois ele teme a ruína caso torne uma pessoa despojada. A segunda é outra característica que o indivíduo aprende a demonstrar. Apresentando ao mundo seu verdadeiro eu. Assim, nos ressentimos quando uma pessoa não mostra a totalidade do si mesmo, tendo a impressão que não estão sendo verdadeiras. E a terceira é a peculiaridade singular que difere de outras pessoas. Quando se tem consciência da própria identidade, o ser humano se torna autônomo, único. Em vista disso, é necessária coragem para viver a vida da auto expressão. Tendo a coragem da imperfeição de superar pequenas inibições, de seguir adiante apesar de todos os contratemplos.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo consistirá em uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo e exploratório com abordagem qualitativa do tipo de Revisão Narrativa. Gil (2010, p.44), esse tipo de pesquisa “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Dessa maneira, consiste em uma pesquisa que integra outros estudos sobre a temática na qual o pesquisador pretende investigar.

As pesquisas descritivas têm como finalidade explicar os acontecimentos do nosso cotidiano de forma criteriosa, obtendo dados do que se pretende investigar. Já a pesquisa exploratória é um tipo de pesquisa específica, na qual apresenta obras ou entrevistas com sujeitos que vivenciaram algum problema referente à temática e assim, expondo as suas concepções para que possa ser entendido tal problemática (GIL, 2010). Portanto, ambas têm por objetivo estimar novos horizontes sobre temáticas já existentes.

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos (MARCONI; LAKATOS, 2007). Desse modo, a potencialidade da pesquisa se qualifica a partir do interesse pela descoberta de novas informações.

A revisão narrativa são produções desenvolvidas, que pretende explicar e debater o progresso de uma temática específica, perante uma perspectiva teórica ou contextual (ROTHER, 2007). Em vista disso, a revisão narrativa é um tipo de pesquisa que acomete um relato de questões passadas com uma óptica na atualidade a partir da literatura. Ela também permite acrescentar estudos bibliográficos de outras pesquisas para a fundamentação da temática da qual se pretende investigar.

Para tanto foram utilizadas como fontes de pesquisa as bases de dados da: Revistas da Abordagem Gestáltica e também livros. Incluindo estudos do ano de 1987 a 2016. Desse modo, foram utilizadas 19 pesquisas, analisadas de agosto a outubro de 2017 que auxiliaram na estruturação dos objetivos dando sequência no referencial teórico.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O primeiro capítulo intitulado “Aconselhamento: História e prática do Aconselhamento Psicológico” têm como finalidade discutir e definir o início do Aconselhamento da época antiga até a atualidade. Scorsolini-Comin (2014) no seu estudo “Aconselhamento Psicológico e Psicoterapia: aproximações e distanciamentos” têm como objetivo compreender as aproximações e distanciamentos entre esses campos do saber Psicológico.

O Aconselhamento Psicológico é uma prática que faz parte do curso de Psicologia que permite o aluno a se desenvolver na formação clínica que até então estão sendo supervisionados dos atendimentos dos estágios específicos.

Desse modo, pode-se perceber o quanto é importante para a formação do Psicólogo a prática de Aconselhamento Psicológico como disciplina no curso de Psicologia. Assim, possibilita ao aluno a se aproximar do campo de atuação. Entretanto, compreender que esse processo não favorece ferramentas para solucionar os problemas do paciente e que sua atribuição é de estar acessível para recebê-lo a demanda e acolher, favorecendo a relação terapeuta paciente.

De acordo com os autores Patterson e Eisenberg (2003) têm como finalidade no seu estudo “O processo de aconselhamento”, dar subsídio fundamental para todos os que estejam se preparando para executar com responsabilidade a tarefa de Aconselhamento, ou que já estejam engajadas nela.

No entanto ao que se refere Aconselhamento Psicológico é uma técnica que permite que o cliente seja participativo no seu processo. O conselheiro tem como função mostrar possibilidades para que o cliente aprenda a lidar melhor com as suas questões. Essa prática permite que o conselheiro possa aprimorar suas técnicas no domínio do aconselhamento com o foco no cliente, permitindo que as intervenções possam ressignificar o trajeto de vida por meio de escuta qualificada e potencializar as qualidades humanas. Diante do exposto, percebe-se que o Aconselhamento Psicológico só tem eficácia se o cliente se responsabilizar e se permitir no processo. É importante que ele seja verdadeiro consigo mesmo para que aja um crescimento pessoal.

No que se refere ao segundo capítulo “Competências do aconselhador”, Rollo May (2013) tem como objetivo no seu estudo “A arte do aconselhamento psicológico” no que se refere à personalidade do aconselhador, a variante no aconselhamento e também a profunda relevância da religião para a saúde mental. Ele afirma que a empatia é uma ferramenta essencial no processo de

Aconselhamento. Portanto, é necessário que aja uma reciprocidade entre cliente e terapeuta. Ainda ressalta que a empatia não é algo fácil de alcançar porque depende de como é construída a relação.

Contudo, diante da leitura é de fundamental importância que o conselheiro possa propiciar um espaço de confiança para que assim consiga ter uma relação favorável com o cliente, fazendo com o que o mesmo sintase seguro para falar abertamente suas implicações. Ainda o mesmo autor, apresenta os impulsos construtivos que são caracterizados pela espontaneidade, integralidade e originalidade. Esses traços indicam a esfera da personalidade do conselheiro, demonstrando as peculiaridades que compete aos mesmos. Salienta-se que essa característica não remete a todos os conselheiros, pois é algo único de cada indivíduo. Desse modo, a coragem para auto expressão é crucial, na qual permite que o aconselhador se imponha a superar os bloqueios da imperfeição e consequentemente seguir em frente apesar de todos os contratemplos.

Diante da perspectiva do autor ele frisa que essas características são específicas dos conselheiros que apresentam essa personalidade. O conselheiro que apresenta esses traços tem mais facilidade de contornar as situações advindas que surgem durante o Aconselhamento Psicológico. Entretanto, isso não quer dizer que o aconselhador que não compete esses atributos não tenha desenvoltura de realizar o processo, porém, o conselheiro que demonstra mais prontidão tem uma maior capacidade de se chegar aos resultados esperados com mais agilidade.

No entanto o terceiro capítulo sobre “A ferramenta ou prática do Plantão Psicológico no processo de Aconselhamento Psicológico”, no estudo de Oliveira (2005) “Uma experiência de plantão psicológico à polícia militar do Estado de São Paulo: reflexões sobre sofrimento e demanda”, discorre sobre a significância e abrangência do serviço de Plantão Psicológico oferecido ao efetivo de duas Companhias da Polícia Militar do Estado de São Paulo por psicólogos e estagiários do LEFE/USP entre 2001 e 2004.

De acordo com o autor ele afirma que no espaço de escuta, acontece uma troca de experiências entre cliente e plantonista, na qual o psicólogo se dispõe ajudar a pessoa em estado de sofrimento. No entanto, o ambiente permite ao terapeuta compreender o outro nas suas relações e singularidades. A partir disso, ocorre à aliança terapêutica, o que pode haver um progresso no percurso do processo.

Entretanto pode-se perceber o quanto é importante uma escuta de qualidade em todas as áreas da Psicologia principalmente na modalidade de Plantão Psicológico. Essa ferramenta é essencial na formação do estudante e atuação do profissional de Psicologia, pois é através dela que podemos intervir no momento adequado fazendo com que o paciente reflita sobre a demanda trazida por ele. Desse modo, é fundamental que o psicólogo ou acadêmico possa se dedicar totalmente ao sujeito que procura por ajuda.

Maynard *et al.* (2014) no seu estudo “A escuta qualificada e o acolhimento na atenção psicossocial” que tem como objetivo Aprender a escuta qualificada e o acolhimento na atenção psicossocial, na perspectiva de usuários.

Ainda na mesma pesquisa dentro da categoria referente às frustrações de uma escuta não qualificada podem produzir, os entrevistados relataram que se sentem insatisfeitos quando não são respeitados e mal compreendidos, fazendo com que haja uma quebra de vínculos e uma transferência negativa. Desse modo havendo um bloqueio de expressão, em decorrência de não terem sido ouvidos da maneira que desejavam frente ao seu sofrimento psíquico. Alegaram também a falta de ética por parte dos profissionais em comentarem sobre as informações pessoais com outras pessoas, afetando totalmente a confiança em relação aos outros.

Constata-se que a quebra de sigilo pode quebrar plenamente o vínculo que fora estabelecido. Faz-se necessário que profissionais ou estudantes de Psicologia independentes de que lugares estejam atuando é fundamental que aja total discrição ao que se refere à história e diagnóstico na qual corresponde somente ao paciente. Para que então, o sujeito em sofrimento possa se sentir seguro para falar abertamente o que tanto lhe aflige. O sigilo diz muito da construção de confiança do terapeuta-paciente que se dar na relação, onde são colocados todos os afetos em campo, e a partir disso se constrói laços que trará aspectos do sujeito, assuntos relevantes podem ser vistos com cuidado no sitting terapêutico.

No que se diz da prática do Aconselhamento vale ressaltar o benefício que o profissional ou estudante de Psicologia traz em atender pessoas que se encontram em sofrimento psíquico, sejam angustiadas, tristes, agitadas ou sem sentido de vida, e partir disso o Aconselhador em sua atuação consegue recuperar de maneira parcialmente curto, o chamado sentido de vida, fazendo com que o sujeito volte a sua caminhada diante de sua existência. Diante disso, a atuação do Aconselhador não se trata em curar sintomas e psicopatologias, sabe-se que eles fazem parte da vida de todos os seres humanos, até mesmo dos considerado normais e que estar para ajudar o outro.

Contudo o Aconselhamento Psicológico propõe-se de modo direto fazer com que o paciente alcance uma melhor qualidade de vida, mesmo nas situações cujos conflitos psicológicos os afetam de algum modo. No geral, todos nós somos vulneráveis e podemos a qualquer instante ficar abalados com nossos conflitos internos em momentos de dificuldade ou alguma situação conflitante. Quando nos deparamos por exemplos, com a perda de um membro da família ou alguém muito próximo, com o nosso lento processo de aceitação, sabendo que nada se pode fazer, sentimo-nos inteiramente destruído, ou qualquer outra atribulação que nos atinja profundo em relação ao nosso ser.

Mediante o exposto, tais resultados apontam que a ferramenta de Aconselhamento Psicológico dentro da modalidade de Plantão Psicológico surge com o intuito de aprimoramento da prática de atuação, permitindo, portanto, que o estudante de Psicologia se aproxime do trabalho clínico

aprendendo a lidar com a demanda emergente, desenvolvendo a escuta e consolidando a ética profissional. Desta maneira, fica claro a importância do Plantão Psicológico para a formação do psicólogo.

O modelo de Plantão Psicológico consiste em ofertar um serviço psicológico prestado a pessoas que estão vivenciando momentos de sofrimento diante de circunstâncias específicas da vida, consistindo em uma ferramenta de caráter emergencial, onde o terapeuta se dispõe a acolher a demanda emergente na atualidade. Segundo Oliveira (2005), é um espaço de escuta, onde há uma troca de experiências entre o cliente e o plantonista, na qual o psicólogo se dispõe a ajudar a pessoa em estado de sofrimento. Dessa forma, o ambiente permite ao terapeuta compreender o outro nas suas relações e singularidades.

Ressalta-se que a troca de experiência é importante para entendermos melhor o desenvolvimento do sujeito em sofrimento e suas relações. Rebouças e Dutra (2010) dizem que o plantão psicológico surgiu a partir de uma proposta do Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) em 1969, com a finalidade de prestar um atendimento diferenciado e com qualidade aos clientes que ali procurava, partindo de um grande número de pessoas na fila de espera.

Percebe-se que no Século XX havia uma grande necessidade de um atendimento psicológico, em decorrência disso, o Plantão Psicológico começou a ser reconhecido como uma modalidade dos serviços em Psicologia.

Mahfoud (2004) clarifica que o objetivo do Plantão Psicológico é de acolher o sofrimento das pessoas em momento de crise, no restrito segundo que elas precisam. Para Schmidt (2004) é refletido e aplicado, como estratégia de amparo respondendo o carecimento por assistência psicológica. Desse modo, sobrepõe à disposição da clientela que busca um tempo e espaço para ser compreendida a sua singularidade.

A vista disso, o Plantão tem como finalidade ajudar as pessoas que se encontra em crise existencial ou em outras condições tais como: relacionamentos afetivos, conflito familiar, dentre outros. É importante que o psicólogo esteja preparado para acolher essas pessoas que se encontra em sofrimento.

Luft (1998) determina a palavra emergência como situação de crise, ou seja, acontecimento na qual a pessoa se encontra em sofrimento psíquico podendo representar um risco para si mesmo. O atendimento em Plantão Psicológico é uma função que beneficia a demanda emocional incessante do cliente, sem precisamente marcar agendamento. Desse modo, o Plantão Psicológico viabiliza uma escuta qualificada, proporcionando assim, condições de enfrentamento para o cliente, potencializando seus recursos internos, para um maior entendimento de si.

A prática de Plantão Psicológico se funda, como um lugar de escuta e acolhimento. Conforme cada caso, o ambiente realiza um serviço de triagem e encaminhamentos quando necessário para outros profissionais como: médicos psiquiátricos, neurologistas ou clínicos gerais; e outros serviços que são: grupos de autoajuda; psicoterapia clássica, dentre outros (FURIGO et al., 2008). Observa-se que, em algumas situações, é necessário que o psicólogo direcione o cliente a procurar outro profissional de saúde ou serviços, de acordo com a necessidade dele. É importante que o terapeuta tenha um olhar clínico para identificar o que foge da sua especialidade.

O Plantão Psicológico precisa ter consistência na oferta de sua utilidade, tal como uma divulgação que ocorra de forma satisfatória (MAHFOUD, 1999). No entanto, o grupo de plantonistas geralmente estagiários de Psicologia deve divulgar os seus serviços e o lugar onde será realizado, normalmente é em Clínicas-Escolas, um lugar seguro para o aluno. Assim se utilizando de todos os meios possíveis como: escolas, redes sociais, grupos já existentes (religiosos e de autoajuda dentre outros).

O Plantão Psicológico é aplicado em diversas Instituições como também em Clínicas-Escolas por uma equipe de plantonistas, sendo eles estagiários de Psicologia Clínica supervisionados, onde há uma escala dos dias fixos na qual os estagiários se encontram disponíveis para atender as demandas emergentes (VIEIRA; BORIS, 2012). Contudo, o Plantão Psicológico pode ser ofertado na UBS, NASF, CRAS, CREAS, CAPS, Hospitais, Escolas e em Clínicas-Escolas. O Plantão Psicológico nessas Instituições se dá a partir da necessidade do sujeito em procurar o serviço, como uma forma de aliviar seu sofrimento. Em Clínicas-Escolas, os alunos juntamente com os seus supervisores e grupos devem estabelecer horários de atendimento durante a semana de acordo com a disponibilidade dos mesmos. Para isso, os estudantes devem divulgar o serviço em redes sociais, rádios, escolas, dentre outros. Assim, estipulando os horários de funcionamento. No entanto, o estudante de Psicologia aprenderá na modalidade de plantão a lidar com os imprevistos, já que é um serviço de demanda espontânea, podendo expor as suas dúvidas frente à problemática do seu cliente instruindo-se pelo caminho da literatura solicitado pelo seu supervisor.

A proposta de Plantão Psicológico ergue-se aos alunos quando iniciam a cursar a disciplina obrigatória de Aconselhamento Psicológico no quarto ano da graduação. Em conformidade a alguns alunos esse preceito versa uma novidade. Um espaço o qual permite o estagiário ter noção de como se posicionar frente à problemática trazida pelos clientes, dando oportunidades aos mesmos a terem encontros únicos, atendimentos frequentes e assim, aprendendo a compreender o sujeito em si e não o problema, desenvolvendo a escuta, a mediação e repercussões do atendimento (ROCHA, 2011).

Em vista disso, a função de Plantão Psicológico é fundamental para a formação do estudante de Psicologia. A partir dessa experiência, o aluno começará a exercer o papel de terapeuta, aprendendo a intervir e mostrar possibilidades de enfrentamento para o paciente em questão. Assim,

ele pode se aperfeiçoar colocando em prática tudo que foi aprendido através da literatura. Proporcionando ao outro uma escuta qualificada e assim executando um compromisso com a futura profissão. Salienta-se que além de ser um campo de aprendizado, é um lugar que possibilita a exercitar a ética e o sigilo, que é algo muito importante na área da Psicologia.

Dantas et al(2015) afirmam, o Plantão é a porta de entrada para o sujeito que está à procura de mudança e transformação pessoal. Entretanto, permite que ele faça uma auto avaliação de si, se questionando, refletindo, para depois expressar através da fala o que sente, dando sentido, e aprendendo a enfrentar os seus obstáculos. Salientam que, a experiência de Plantão proporciona aos estagiários de Psicologia a ter uma habilidade de conduzir no campo de formação, discutindo possibilidades e caminhos conforme a demanda social, objetivando atender o sofrimento de caráter emergente.

Desse modo, o Plantão Psicológico é um espaço que atende a todas as pessoas que se encontram em sofrimento emergente, portanto, realizando uma prática de Aconselhamento Psicológico que está dentro dessa modalidade. O encontro pode acontecer somente uma vez, ou até cinco, sendo realizado uma vez por semana. Também é um lugar que provoca implicações, para que o outro possa refletir sobre o que está passando, e então elaborar estratégias para lidar melhor com as circunstâncias. Mediante a isso, o aluno de Psicologia tem a oportunidade de vivenciar uma experiência clínica entre paciente e cliente. Por isso, essa modalidade se torna essencial no curso de graduação, permitindo que o acadêmico aprenda estabelecer vínculos e direcionar uma sessão.

Os mesmos autores dizem que o Plantão Psicológico é a porta de entrada para o sujeito que está à procura de mudança e transformação pessoal. Entretanto, permite que ele faça uma auto avaliação de si, se questionando, refletindo, para depois expressar através da fala o que sente, dando sentido, e aprendendo a enfrentar os seus obstáculos. Salientam que, a experiência de Plantão Psicológico proporciona aos estagiários de psicologia a ter uma habilidade de conduzir no campo de formação, discutindo possibilidades e caminhos conforme a demanda social, objetivando atender o sofrimento de caráter emergente.

Dessa maneira, o Plantão Psicológico permite ao acadêmico pôr em prática tudo que lhe foi ensinado, estabelecendo um atendimento voltado à ética e ao sigilo, que são peças fundamentais na área da Psicologia. Assim, possibilitando ao mesmo a fazer uma escuta qualificada e a intervir no momento certo, como também, oportunizando-o a vivenciar uma experiência clínica entre paciente e cliente. Por isso, essa modalidade se torna essencial no curso de graduação, permitindo que o aluno aprenda estabelecer vínculos e direcionar uma sessão. O atendimento em Plantão de Psicológico acontece para as demandas latentes do paciente ou demanda de urgência, os atendimentos podem chegar até cinco encontros semanas.

O Plantão Psicológico é necessário, para ajudar na interpretação do paciente sobre os questionamentos a respeito de suas experiências. Uma escuta traçada no cuidado, promovendo assim, um lugar seguro. Desse modo, é um espaço na qual provoca e evoca inúmeras reflexões em relação ao meio. É um modelo precedente a ser refletido, que requer acolhimento, disponibilidade e cuidado (DANTAS et al., 2016). Em vista disso, o Plantão Psicológico é uma ferramenta importante na vida de uma pessoa em crise existencial. Ajudando-o a superar, enfrentar, e se impor naquilo que está lhe trazendo sofrimento. É uma forma de ele se perceber como um ser no mundo. Dessa maneira, é fundamental que o psicólogo propicie um ambiente favorável, para que então, o paciente consiga falar abertamente as suas aflições. Assim, tornará um espaço seguro, fazendo com que o consulente traga cada vez mais questões que implicam no seu desenvolvimento. Por isto, é importante estabelecer uma relação de confiabilidade para que o processo possa progredir de modo eficaz.

Para que o processo de Plantão Psicológico aconteça favoravelmente, é necessário que se estabeleça um vínculo entre paciente e cliente, na qual é chamada na área da Psicologia de Rapport, que significa empatia e se dá na relação Eu - Outro.

Rapport é uma definição oriunda da psicologia que se delega uma relação de empatia com outra pessoa. A expressão vem do francês rapporter, na qual significa confiança. É uma estratégia cujo objetivo é traçar um espaço seguro onde o sujeito se sinta aberto para falar a sua queixa durante o processo. Dessa forma, fazendo com que o mesmo interaja, permute e receba informações com mais prontidão (PIMENTA, 2011). Em vista disso, o rapport é uma das coisas mais importantes que devem ser estabelecidos entre o plantonista e cliente, para que então o processo caminhe de forma eficaz.

Sintomas de tristeza, sofrimento, ansiedade, angústias, desespero, dentre outros, percorrem durante toda a vida humana, surgindo sempre quando a pessoa não consegue lidar com os seus problemas. É nesse momento que o sujeito se impulsiona a buscar ajuda, tendo o plantão psicológico como uma das modalidades da psicologia que acolhe o mesmo em sofrimento (DOESCHER; HENRIQUES, 2012).

É notável que o sujeito só procura os serviços de Psicologia quando não encontra formas de solucionar os seus problemas sozinhos. Sendo assim, o mesmo vem para o Plantão Psicológico muitas das vezes em busca de respostas, sem ter noção do papel e função do terapeuta. É importante que o psicólogo deixe claro o seu posicionamento, que está ali para acolher e mostrar possibilidades para que ele aprenda a enfrentar as dificuldades no decorrer da sua vida de modo singular.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com a teoria constituída conclui-se que o Aconselhamento Psicológico era considerado uma prática que permitia dar “respostas” aos desajustes de comportamentos e medidas à

serem tomadas pelo sujeito. Isso estava ligada as primeiras práticas em Aconselhamento Psicológico, mas que não geraram resultados satisfatório são desenvolvimento da técnica.

Na contemporaneidade o Aconselhamento é considerado como uma técnica de aprendizagem, e tem como finalidade proporcionar ao sujeito os princípios que ele concede à vida. O ser humano traz consigo conhecimentos e potencialidades que podem ser apreciados e desenvolvidos e com isso pode crescer e mudar, no entanto o conselheiro pode assumir o papel de modelo, sugerindo possibilidades, apresentando valores sociais, condutas de cidadania que possa ser assumida de forma clara e perspicaz.

No que se refere a Plantão Psicológico é uma prática do Aconselhamento Psicológico que tem fundamento dentro da abordagem Centrada na Pessoa. No entanto é papel do plantonista fazer uma escuta, acolher, conduzir o cliente. O plantonista, em sua atuação consegue desenvolver potencialidade, habilidade referente à existência humana, cabe também a tarefa do plantonista incentivar esse movimento, amparar o cliente em questões conflituosas, e que amenize seu sofrimento dentro do seu percurso de vida.

Contudo o presente trabalho consegue alcançar os objetivos no que diz respeita a prática do Aconselhamento Psicológico enquanto formação de terapeuta frente ao Plantão Psicológico, já que é uma modalidade fundamental no curso de Psicologia, e no preparo do psicólogo para a prática, desse modo o Plantão surge como categoria que constitui diálogo, enfatizando o trabalho do profissional em Psicologia em perspectiva consciente e seu comprometimento na comunidade. A função do Aconselhamento Psicológico é amenizar os riscos na saúde do cliente decorrente de mudanças efetiva, salientando a singularidade e comprometimento do “eu”, mudando comportamentos, desenvolvendo qualidade de vida.

Os resultados deste estudo indicam o quanto é importante para o acadêmico de Psicologia vivenciar na faculdade a modalidade de Plantão Psicológico aprendendo a lidar com o sofrimento emergente e demanda espontânea. Uma forma também de se reconhecer enquanto futuros profissionais, aprimorando a ética e a escuta que são ferramentas essenciais no campo de atuação. Ressalta-se que, essa prática permite que o estudante de Psicologia perceba suas próprias limitações frente às problemáticas que não condiz com o que acredita. Espera-se que esse trabalho venha contribuir para os profissionais como também para os estudantes de Psicologia que atuam no Plantão Psicológico, e assim, consigam enriquecer suas práticas, diante da atuação do Psicólogo frente ao Aconselhamento Psicológico.

## REFERÊNCIAS

DANTAS, J. B. *et al.* Plantão Psicológico: Ampliando possibilidades de escuta. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, 2016.

DOESCHER, A. M. L. HENRIQUES, W. M. **Plantão Psicológico: Um encontro com o outro na urgência**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 4 p. 717-723, out./dez. 2012.

FORGHIERI, Y. C. **Aconselhamento Terapêutico: origens, fundamentos e prática** / Yolanda Cintrão Forghieri. – São Paulo: Cengage Learning, 2016.

FORGHIERI, Y. C. O Aconselhamento Terapêutico na Atualidade. **Rev. abordagem gestalt.** v.13 n.1 Goiânia jun. 2007.

FURIGO, R. C. P. L. *et al.* **Plantão psicológico: uma prática que se consolida**. Bol. psicol v.58 n.129 São Paulo dez. 2008.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, F.M. Plantão psicológico: novas possibilidades em saúde mental. **Rev. da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, Jan.-Jun. 2008, Vol. 9, No. 1, pp. 49-56.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte 2014.

HIPÓLITO, J. Texto – Carl R. Rogers – Biografia. Publicado na **Revista de Estudos Rogerianos** “A Pessoa como Centro”. Primavera-Maio, 1999.

LUFT. Dicionário Eletrônico. In. CD-Rom. São Paulo. Ática Multimídia, 1998.

MAHFOUD, M. A vivência de um desafio: Plantão Psicológico. In: ROSENBERG, R. L. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. São Paulo: EPU, 1987.

MAHFOUD, M. Introdução. Frutos Maduros do Plantão Psicológico. Mafoud, Miguel (org) **Plantão Psicológico: novos horizontes**. São Paulo: editora CI, 2004, p.11- p.14. MAY, R. **A arte do aconselhamento psicológico**; tradução de Ayne Tobelen dos Santos e Hipólito Martendal. 19. ed. Petrópolis, Vozes, 2013.

MAYNART, W. H. C. *et al.* **A escuta qualificada e o acolhimento na atenção psicossocial**. Escola de Enfermagem e Farmácia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil, 2014.

MIRANDA, C. S.N; FREIRE, J. C. A comunicação terapêutica na abordagem centrada na pessoa. **Arq. bras. psicol.** Rio de Janeiro, 2012.

MORA, C; MONTEIRO, S; MOREIRA, C. O. F. **Formação, práticas e trajetórias de aconselhores de centros de testagem anti-HIV do Rio de Janeiro, Brasil**. Interface (Comunicação, Saúde, Educação). 2015.

OLIVEIRA, R. G. Uma experiência de plantão psicológico à polícia militar do Estado de São Paulo: reflexões sobre sofrimento e demanda. **Dissertação de mestrado**, Universidade de São Paulo, 2005.

PATTERSON, L.E; EISENBERG, S. **O processo de aconselhamento**. 3ªed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

PIMENTA, F. F. A transformação através do processo de coaching. In: SPINK, MJP. FIGUEIREDO, P., and BRASILINO, J., orgs. Psicologia social e personalidade. Rio de Janeiro: **Centro Edelstein de Pesquisas Sociais**; ABRAPSO, 2011.

REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Rev. abordagem gestalt**. 2010.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. enferm.** São Paulo, 2007.

SCHEEFFER, R. **Teorias de Aconselhamento**. São Paulo, Atlas, 1978.

SCHMIDT, M.L.S. Plantão Psicológico, universidade pública e política de saúde mental. **Estudos de Psicologia**. Campinas, vol. 21, no. 3, p 173 – 192. 2004.

SCORSOLINI-COMIN, F. Aconselhamento psicológico e psicoterapia: aproximações e distanciamentos. **Contextos Clínic** vol.7 no.1 São Leopoldo jun. 2014.

VIEIRA, E. M.; BORIS, G. D. J. B. O plantão psicológico como possibilidade de interlocução da psicologia clínica com as políticas públicas. **Estud. pesqui. psicol.** vol.12 no.3 Rio de Janeiro dez. 2012.

---

Recebido em: 18 de Abril de 2018

Aceito em: 20 de Novembro de 2018

<sup>1</sup>Especialista em Farmácia Clínica Prescrição Farmacêutica com Ênfase na Atenção Farmacêutica pela Faculdade São Francisco da Paraíba -FASP/PB e Especializando em Farmacologia Clínica pela Universidade Regional do Cariri- URCA/CE. Professor temporário do curso Técnico em Enfermagem do Instituto Alencarina. Foi Professor temporário do Curso de Graduação em Educação Física e Serviço Social pelo Instituto Belchior. E-mail: dr.franceildo@gmail.com

<sup>2</sup>Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: ledampinheiro@gmail.com

<sup>3</sup>Graduado em Psicologia pela Faculdade Vale do Salgado-FVS. E-mail: julio-seza@hotmail.com